

A AMA DE LEITE NA SOCIEDADE TRADICIONAL — UMA LEITURA DE FOLHETOS DE CORDEL

por **Maria José Moutinho Santos**

Da magnífica colecção de Miscelâneas da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que vimos estudando desde há alguns anos, destacámos para este trabalho dois Folhetos de Cordel da autoria de Manuel Rodrigues Maia editados em Lisboa em 1786 — o «*Alcorão das Amas de Leite...*»¹ e o «*Entretenimento (...) acerca das Amas de Leite...*»² — dois textos, como tantos outros, a merecerem alguma atenção numa perspectiva da história social e das mentalidades.

Produtos de uma literatura marginalizada — porque considerada sub-literatura — eles fazem parte de um espólio riquíssimo dessa fórmula editorial menor, dita de Cordel, que atravessou cerca de quatrocentos anos de vicissitudes culturais e históricas ganhando um espaço próprio, adaptando-se aos tempos e às vontades, criando a sua própria individualidade e tornando-se, ela própria, num veículo cultural.

Na imensa diversidade dos seus conteúdos — não esqueçamos

¹ *Alcorão das Amas de Leite ou marmota em que se vem mais claras que a luz do dia; as Metafísicas, de que usão estas sanguexugas para sacar o sangue das casas onde crião: Obra muito útil, e necessária a todos que desejarem saber por onde o barco faz agua, ou o gato vai ás filhoses.* Composta por hum escaldado e dada á luz por Matusio Matoso Matos da Mata, Lisboa na Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1786.

² *Entretenimento que em huma visita tiverão as duas amigas Brazia Fagundes e Brites Martha, acerca das Amas de Leite, em que se mostram pelo alto as inclemencias desnecessárias, que supportão todos aquelles que cahem na esparrela de aturallas.* Obra muito útil, e proveitosa aquelles que ainda não estiverem escaldados. Dada à luz por Matusio Matoso Matos da Mata, Lisboa na Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1786.

a popularidade das Folhinhas de Reza, dos Sermões, dos Entremeses, dos Diálogos jocosos, das Sátiras, dos Avisos e Conselhos, das Relações Históricas, etc, etc. o texto de Cordel merece um estudo atento e sistemático que privilegie outros aspectos que não apenas o da sua fragilidade literária.

O trabalho que realizámos, sobre os dois Folhetos de Rodrigues Maia, parece-nos uma das abordagens possíveis, tendo em conta, neste caso, a perspectiva da história.

Foi preocupação do autor, nos muitos Folhetos que publicou e no dizer de Inocêncio, fazer «a crítica moral aos costumes do seu tempo em estilo jovial». De facto, os textos que dele conhecemos documentam inteiramente essa intenção, na crítica jocosa que dirige, por exemplo, às mães de família, às criadas de servir ou às amas-de-leite interlocutoras de alguns dos seus melhores diálogos.

Foi esse propósito de caricaturar certos comportamentos sociais e expressões da mentalidade da pequena burguesia urbana do seu tempo que nos permite captar, hoje, reflexos de uma realidade socio-cultural em mutação.

Desde a década de 70, os historiadores têm dado uma importância crescente aos estudos sobre a infância, tentando, através deles, compreender as atitudes da sociedade tradicional face à criança.

Do abandono físico ao abandono moral, do infanticídio à indiferença, tudo foram facetas possíveis, ainda que extremas, de uma realidade onde se cruzaram sentimentos e interesses, onde o afecto e a sobrevivência disputaram frequentemente um mesmo espaço.

Na complexidade das atitudes e das suas motivações tem sido elemento essencial de análise o comportamento da mãe perante o recém-nascido que se caracterizou, durante um longo tempo, pelo menos nas camadas inferiores da sociedade — como o revela Shorter³ — por um vazio afectivo, por uma geral indiferença perante o desenvolvimento e o bem-estar do seu filho, afastando-o de si e abandonando-o nas mãos de uma ama — sabe Deus em que condições — e limitando-lhe, assim, as possibilidades de sobreviver.

É facto, hoje incontestável, que o recurso à aleitação merce-

³ SHORTER, Edward — *Naissance de la famille moderne*, Paris, Seuil, 1977, pp. 209-218.

nária nos meios urbanos da Europa Central foi uma prática bastante comum, estando nela envolvidos os mais diversos sectores sociais, ainda que o fizessem por razões não totalmente coincidentes.

Como afirma Lebrun, referindo-se ao caso francês⁴, pais ricos e remediados, do mesmo modo que artesãos e operários utilizavam o serviço das amas, se bem que os de mais fracos recursos económicos não pudessem dispor de uma ama interna, enviando, por isso, os filhos a criar fora.

Cabe-nos perguntar de que forma Portugal acompanhou este fenómeno, que importância social teve, entre nós, a ama, que famílias recorreram a ela e em que modalidade: ama interna ou ama externa.

Muitas outras perguntas poderíamos formular, mas quase todas ficariam sem resposta, porque se abunda a documentação — que começa a ser estudada de uma forma sistemática — sobre as Amas dos Expostos, o mesmo parece não acontecer em relação às amas contratadas pelas famílias. É neste contexto que os dois Folhetos de Rodrigues Maia nos parecem merecer um estudo detalhado.

A proposta do autor, inserida nos próprios títulos, de pôr a nu as «Metafísicas, de que usão estas sanguexugas para sacar o sangue das casas onde criação...»⁵, e mostrar as «inclemencias desnecessárias, que supportão todos aquelles que cabem na esparella de aturallas...»⁶, introduz-nos, desde logo, no tom crítico e jocoso que caracterizou os seus diálogos. É sob esse pretexto, e através de um ponto de vista supostamente feminino, que ele nos conduz ao encontro de alguns temas que nos parecem muito significativos.

Amas **internas**

A ama interna era, na Europa Central, a solução preferida nos meios da nobreza e da grande burguesia. É provável que a situação fosse semelhante em Portugal. Todavia é possível que essa moda-

⁴ LEBRUN, François — *La vie conjugale sous l'Ancien Regime*, Paris, Colin, 1975, pp. 126-127.

⁵ Alcorão...

⁶ Entretenimento...

lidade, traduzindo um determinado estatuto económico e social superior, provocasse, a certa altura, alguns fenómenos de imitação. Daí, talvez, a razão da crítica do autor, implícita nestas palavras de uma das amigas do «*Entretenimento...*»:

«Algun día era rarissima pessoa que tinha Ama em casa; agora já não ha cão e gato, que não faça secia disto (...) Se ele já não ha Çapateiro, que não queira fazer a secia de ter Ama em casa?»⁷

Esta modalidade, de inegáveis benefícios para a criança que permanecia no seio da família sob a vigilância da mãe, não seria, portanto, adoptada, em alguns meios, a pensar no seu bem-estar, mas apenas como uma forma de promoção social para as famílias.

Ter ama possibilitava à mãe desempenhar as suas habituais tarefas, domésticas e profissionais, dando, àquelas que a podiam disfrutar, a liberdade de manter a sua vida social, sem lhes exigir os sacrifícios que uma criação acarretava:

«Se tem Ama pode sahir, hir as visitas e fazer quanto quizer (...) A gente enquanto cria he peor que preta cativa (...) antes quero soffrelas, do que andar sempre desconsolada com mijadellas, e o mais que se segue, sempre emporcalhada, soffrer lhe as rabuges e aturallos de noite...»⁸

Por outro lado, a sua vida conjugal não era afectada por uma forçada abstinência sexual durante o largo período da aleitação, que ia até aos dois anos ou mesmo até mais tarde⁹. Sendo certo que uma nova gravidez punha em risco a vida do lactente, e acreditando-se na época que as relações sexuais corrompiam o leite¹⁰, a falta da ama colocava o pai perante duas soluções

⁷ Ibidem, p. 7.

⁸ Ibidem, p. 11.

⁹ Nas *Cartas de hum viajante francês...*, manuscrito da B.P.M.P., Misc. 1089, o seu autor escreve, a dado passo, sobre as crianças portuguesas: «Aqui se vêem Meninos que andão e fallão já muito bem e inda mamão...»

¹⁰ « Abstenção-se de congresso, que com elle se corrompe o leyte, e se chegam a conceber, deminue se ficando tam depravado, que causa lethalissimos incommodos nos meninos», in HENRIQUES, Francisco da Fonseca — *Medicina Lusitana, Socorro Delphico, aos clamores da natureza humana para total profligação dos seus males...*, Amsterdam, em caza de Miguel Diaz, 1731, Livro I, cap. 3, p. 137.

possíveis: ou procurar uma alternativa fora de casa, com o recurso a amores clandestinos, ou manter a sua vida conjugal e ameaçar assim a sobrevivência do filho.

Perante as confidências de Brites Martha à amiga no «*Entretenimento...*»: «Às vezes, quando eu ando pejada, lhe digo eu só para o ouvir: Este agora hei de eu criar; e vai elle responde me logo: Ha de ser bem tarde; eu não quero que Vossê se acabe de estruir...»¹¹, podemos perguntar se não haveria outras razões mais prementes e menos confessáveis que levavam os maridos a suportar os encargos económicos de uma ama.

Estas inegáveis vantagens explicariam, em parte, o enjeitar da aleitação por parte de muitas mães com condições económicas que lhes permitiriam dedicar-se por completo aos seus filhos.

Ao criticar, através das palavras de Brazia Fagundes, aquelas que se recusavam a criar: «Então para que se casou V.M.? A gente não ha de crear os seus filhos, ja que Deos lhos da?...»¹², Rodrigues Maia acompanhava moralistas, médicos, intelectuais, que vinham por um lado defendendo a aleitação materna como a prática mais natural e mais conveniente à preservação da vida e da saúde do recém-nascido, e por outro acusavam as mães do pouco cuidado posto na escolha das suas amas. Já Francisco da Fonseca Henriques, médico de D. João V escrevera no «*Socorro Delphico...*»:

«lastima he que a pomposa vaidade da gente despreza esta maravilhosa obra da divina providência, negando contra os dictames da razão, e contra as leys da mesma natureza, a seus filhos o próprio leyte (...) entregando-os a amas (...) em cujo leyte bebem muytas vezes depravadas inclinaçoens, e os mays perniciosos costumes...»¹³

No fim do século, o diplomata Bombelles, que conviveu, pela inerência do seu cargo, com a alta sociedade portuguesa, não diferia muito nas suas observações:

«suivant le mauvais usage d'ici la mère ne nourrit que six semaines et qu'elle donne ensuite à une nourrice prise assez au hasard parmi les femmes du pays...»¹⁴

¹¹ *Entretenimento...*, p. 7.

¹² *Ibidem*, p. 7.

¹³ O.C., Livro I, cap. 2, p. 133.

¹⁴ BOMBELLES, Marquis de — *Journal d'un ambassadeur de France au Portugal 1786-1788*, Paris, P.U.F., p. 196.

Se havia uma certa negligência na escolha das amas, a verdade é que os tratados médicos, mais divulgados ao longo de todo o século XVIII, não deixam de referir-se às qualidades que estas deviam reunir alongando-se em conselhos sobre a sua escolha. Da mesma forma dedicam uma enorme atenção às «cousas que deve observar a Ama de leyte para que a criação seja boa...»¹⁵, preocupando-se, por exemplo, com a sua estabilidade emocional. Francisco da Fonseca Henriques aconselha a este respeito que as amas se deviam livrar de «payxoens de animo porque viciam tanto o leite que causam accidentes epilépticos nos meninos...»¹⁶. Talvez por esta razão é que a experiente Serafina aconselha à amiga para a livrar de qualquer dissabor:

«Quando o seu homem for visitalla (...) falle-lhe sempre de sorte que pareça que não tem saudades; quando não está o caldo entornado; porque qualquer doencinha que o menino tenha, quem ha de pagar as favas he a visita do seu ífomem...»¹⁷

Se a contratação da ama permitia que a vida da família decorresse sem graves alterações, mantendo, como se disse, a disponibilidade conjugal da mulher, não devemos esquecer que também a ama era casada. Aliás, nenhuma família, com um mínimo de recursos, aceitaria uma que o não fosse. Ruders, nas suas impressões de viagem, escreveu acerca disto: «Nenhuma mãe toma, para criar os filhos, Ama que não seja casada...»¹⁸, e no «*Entretenimento...*» uma das vizinhas afirma peremptória: «Era o que me faltava se eu consentia em minha casa huma mulher, que dizendo-me que era casada com hum homem, andava com elle...». Esta exigência fazia-se por duas razões: por um imperativo de ordem moral, por se considerar produzirem elas leite mais puro¹⁹.

¹⁵ > CURVO SEMEDO, João — *Polyanthea Medicinal, Noticias Galenicis, e Chymicas...* Quarta vez impressa, Lisboa Occidental, na Officina de António Pedroso Galram, 1727, p. 514.

¹⁶ O.c., Livro I, cap. 3, p. 137.

¹⁷ *Alcorão...*, p. 12.

¹⁸ RUDERS, Cari — *Viagem em Portugal 1798-1802*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981.

¹⁹ Cf. Relação da Real Casa da Roda da Cidade do Porto... in SÁ, Isabel dos Guimarães e, *A Casa da Roda do Porto e o seu funcionamento (1710-1780)*; *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, Porto, II série, vol. 2, 1985, p. 179.

Às amas exigia-se-lhes, portanto, a continência conjugal²⁰ pelo período que durasse a aleitação. A dificuldade de conseguir esse sacrifício está patente nos cuidados de Brites:

«Se os maridos vem visitallas, não me tiro do pe delles (...) Deos nos livre delias quererem ser más (...). São as pobres crianças que ficão ao depois enguiçadas...»²¹

Esta abstinência forçada não seria totalmente conseguida. Alguns dos despedimentos de Amas da Casa da Roda do Porto foram motivados por estas se comunicarem com os seus homens²² e, neste sentido, uma das vizinhas do «*Entretenimento...*» não deixa de confirmar:

«Bem esperta he huma vizinha que eu tenho e mais nem por isso deixou de hir a Ama de sua casa com a barriguinha que já se lhe conhecia muito bem. O lume ao pé da estopa he muito perigoso...»¹³.

Mas se lhes era exigido este sacrifício, o conseguirem ajustar-se numa boa casa permitia-lhes disfrutar de condições de vida, a que de outra forma não tinham acesso. Vejamos:

«V.M. não sabe o que he hir ser Ama (...) Elle pode haver cousa melhor debaixo do Sol, do que hir huma de nós (...) para huma casa, onde he tratada às mil maravilhas (...) a troco de numas gotinhas de leite que a gente dá a huma creancinha?...»²⁴.

Os próprios cuidados que os médicos impunham na sua alimentação, porque «a boa criação depende do leyte, o leyte do sangue, e o sangue do alimento, he necessário que as amas uzem de bõs alimentos para que possam dar às crianças bom leyte...»²⁵, levaria muitas delas a satisfazer carências alimentares de muitos anos, talvez de toda uma vida:

²⁰ «Il est certain que la continence est considerée comme un des devoirs de la nourrice à gages et que le respect de cette règle a pu être strictement imposé à la nourrice à domicile», in LEBRUN, François, o.c, pp. 125-126.

²¹ *Entretenimento...*, pp. 8-9.

²² SÁ, Isabel dos Guimarães e, -o.c, pp. 183-185.

²³ *Entretenimento...*, p. 9.

²⁴ *Alcorão...*, p. 8.

²⁵ HEMRIQUES, Francisco da Fonseca, o.c, Livro I, cap. 3, p. 137.

«Ha cousa como comer huma de nos o que, como, e quando quer (...) boca que queres, coração que desejas, a galinha, o doce, huma cousa e outra...»²⁶.

Teria o júbilo destas personagens de ficção a ver alguma coisa com a realidade? Quando Rodrigues Maia as acusa de roubarem alimentos nas casas onde trabalhavam para os enviar para a família, se bem que o faça com intenção crítica, não estará a revelar-nos, por outro lado, a miséria de muitas dessas mulheres? Não esqueçamos que Francisco José de Almeida, no «*Tratado da Educação Fysica dos Meninos...*», escreveu acerca delas:

«as amas de ordinário são mulheres pobres sustentadas de mãos alimentas, desfalcadas com trabalhos, moidas com desgostos, e tão miseráveis, que sacrifício, por não morrer de fome, o bem dos seus filhos ao de filhos alheios...»²⁷.

As breves referências dos folhetos à sua situação económica não estão muito longe destas afirmações: «ellas em sua casa passam como Deos sabe, tocando às almas c'os dentes e vendo as estrelas no pino do dia...»²⁸.

No que respeita aos seus salários, embora elas afirmem que recebem «huma mancha de dinheiro...»²⁹, as patroas confessam que lhes pagam «huma tutamea...»³⁰.

Sendo o recurso à criação dos filhos alheios, para muitas, uma das poucas hipóteses de sobrevivência, o afastamento da família e o abandono dos seus próprios filhos na Roda, ou numa outra ama mais pobre do que elas³¹, era um preço elevado a pagar, que a miséria justificava:

«Quantas ha por hi que deitao os seus filhos na roda dizendo às vizinhas que lhes morrerão a nascença para hirem fazer criações...»³².

²⁶ Alcorão..., p. 8.

²⁷ ALMEIDA, Francisco José de — *Tratado da Educação Fysica dos Meninos, para uso da Nação Portuguesa...*, Lisboa na Officina da Academia Real das Sciencias, 1791, p. 61.

²⁸ *Entretenimento...*, p. 10.

²⁹ *Alcorão...*, p. 8.

³⁰ *Entretenimento...*, \>. 11.

³¹ SÁ, Isabel dos Guimarães e, o.c., p. 180.

³² *Alcorão...*, p. 9.

Recorde-se que apenas cerca de um quinto das crianças tinha mais de um ano, quando as suas mães entravam como Amas na Casa da Roda do Porto³³.

Amas **externas**

Não temos dados que nos permitam avaliar, no nosso país, o peso relativo da criação através de amas externas que, por exemplo, em França era extremamente elevado³⁴.

Essa prática é também referida no «*Entretenimento...*», quando uma das amigas confessa:

«Se Deos me der mais (...) hei de mandallos para fora. Tudo vem a ser o mesmo. Às vezes os de fora sahem mais caros porque ellas querem todo o enxoval que cresce da criação (...). A gente se os quer ver, e os manda cá vir, tem de pagar o burro em que a Ama vem; e se os vai ver, então onde dá isso consigo?»³⁵.

As preocupações de ordem material são, para esta mãe, muito mais importantes do que os laços afectivos a estabelecer com o filho. As suas palavras parecem confirmar uma atitude que Shorter refere e que se traduzia num quase abandono das crianças ao seu destino, uma vez entregues aos cuidados da ama, porque, raramente, os pais as iam visitar³⁶. No regresso a casa, se houvesse regresso³⁷, mãe e filho eram apenas dois estranhos. Flandrin escreveu a este propósito:

«on peut supposer que la séparation qui s operait dès la naissance de l'enfant, empechait la cristallisation de Tamour maternel...»³⁸.

³³ SÁ, Isabel dos Guimarães e, o.c, p. 180.

³⁴ « C 'était tout particulièrement en France que les femmes mariées plaçaient le plus couramment leurs enfants chez les nourrices de campagne...», in SHORTER, Edward — *Naissance de la famille moderne*, Paris, Seuil, 1977, p. 219.

³⁵ *Entretenimento...*, p. 12.

³⁶ « Une fois les enfants placés, leurs parents venaient rarement les visiter...», in SHORTER, Edward, o.c, p. 222.

³⁷ « On peut admettre, en l'état actuei des recherches, que la mise en nourrice doublait la mortalité infantile dans les familles urbaines...», in FLANDRIN, Jean Louis — *Familles, Parente, Maison, Sexualité dans l'Ancienne Société*, Paris, Hachette, 1976, p. 196.

³⁸ Idem, *ibidem*, p. 197.

Alguns autores estrangeiros têm-se referido às condições sub-humanas em que muitas crianças eram tratadas quando postas a criar fora³⁹. Isto porque além da miséria de muitas amas, estas podiam aleitar não só o bebé que tomavam para criar, como o seu próprio filho.

Faltam-nos dados de arquivo que nos permitam comprovar a existência de uma situação semelhante no nosso país. Porém uma breve passagem do «*Entretenimento...*» pode dar-nos sobre isto uma pequena achega. Uma das amigas comenta, nestes termos, a actuação das amas suas externas:

«Elias as mais das vezes matao-nos a fome e trazem-nos rotos, andando os seus muito bem arrepimpados e vestidos c'o enxoval dos nossos»⁴⁰.

Corroborando, de certo modo, esta afirmação, Francisco José de Almeida refere-se também ao nível de degradação física, social e económica de algumas destas amas:

«Não faltão mulheres que por ambição, e as mais das vezes por miséria, emprehendão duas criações juntas, quando mal bastarião à que a natureza lhes destina. É como se pode esperar de huma pobre maltratada, moida de trabalho, falta de alimento, acabada de consumições, que não desfaleça em tão violento desfalque?»⁴¹.

No limiar de uma mudança

Nos finais do século, alguns intelectuais e médicos alertam os pais para os elevados riscos que a vida do lactente corria com o recurso às amas externas. Talvez que estas tomadas de posição tivessem a ver com a influência das novas ideias sobre esta matéria que corriam lá por fora, sobretudo após a década de 60⁴². Francisco de Mello Franco declarava a esse respeito:

³⁹ Cf. SHORTER, Edward, o.c, cap. 5.

⁴⁰ *Entretenimento...*, p. 12.

⁴¹ ALMEIDA, Francisco José de, o.c, p. 54.

⁴² «Au XVIIIe siècle l'opinion éclairée a mené une vigoureuse campagne en faveur (de rallaitemnt maternel) mais la mise en nourricce était dans des moeurs, et l'on s'accomodait de ses inconvenients avec philosophie, pour ne pas dire insensibilité...», in FLANDRIN, Jean Louis, o.c, p. 182; ou ainda como refere um outro autor: «une veritable campagne s'instaure dans les années 1760-1770, autour du thème de l'enfant et plus spécialement de l'enfant en bas âge...», in LEBRUN, François, o.c, p. 130.

«Pela observação conheci que em Portugal ha abusos e desvarios no modo de tratar as crianças (...). Quanto não tem que aprender aquellas mães que (...) logo que dão à luz os filhos, os degradão de si, para huma ama sem escolha, sem miúda informação e às vezes para muitas léguas da sua vista...»⁴³.

Também Francisco José de Almeida, que ao longo da obra citada revela conhecimento dos mais célebres tratadistas do tempo sobre medicina e educação, aconselha vivamente as mães a que «... não degradem para longe de si os seus filhos; pois só ellas podem desempenhar a vigilância, e os cuidados que requer uma criança...»⁴⁴.

Estas palavras já têm a ver, de facto, com o surgimento de novos conceitos a respeito da infância, da afectividade entre mãe e filho, do estatuto da criança no seio da família, e que se opunham à frieza com que a sociedade tradicional encarou a criança, impondo uma determinada postura no relacionamento entre os pais e os filhos. As palavras de um moralista, autor da «*Idea de hum perfeito Pároco...*», são claras a esse respeito: «Os Pais e Mães devem principalmente ter toda a cautela, e não dar a conhecer aos Filhos a ternura, coln que os amão...»⁴⁵. Reflectindo o mesmo princípio um Folheto de Cordel — a «*Nova Programática Opia...*» condena a dado passo, as mães que mostram a suas filhas «que lhes querem bê com excesso...» do mesmo modo que todas aquelas que têm «sentimento por filha que lhes morreo em pequena idade...»⁴⁶.

A preocupação pelo bem-estar e pela vida das crianças é acentuada por uma elevadíssima mortalidade pós-natal⁴⁷, a que

⁴³ FRANCO, Francisco de Mello — *Tratado de educação fysica dos meninos para uso da Nação Portuguesa*, Lisboa, na Officina de Francisco Luis Ameno, 1790, pp. 5-6.

⁴⁴ ALMEIDA, Francisco José de, o.c, p. 42.

⁴⁵ *Idea de hum perfeito pároco instruído nas suas obrigações e instruindo as suas ovelhas na solida piedade*, Tomo III, Lisboa, na Officina de Francisco Luiz Ameno, 1785, p.510.

⁴⁶ *Nova Programática Opia que a junta do bom governo faz resuscitada Roma antiga à Lisboa da moda. Para reformação dos abusosúas mulheres*, «s.L», «s.d.», p. 3.

⁴⁷ «Não falta entre nós a multiplicação da espécie, o que falta é a sua conservação. Em Lisboa nascem milhares de crianças no anno; e que he feito delias? He bem fácil de ver que quase todas morrem no berço...», in FRANCO, Francisco de Mello, o.c, p. 7.

não eram estranhos certos acidentes fatais, ao que tudo leva a crer, bastante frequentes. Um outro Folheto os «*Conselhos sobre o Matrimónio...*»⁴⁸ de características normativas, faz referência à necessidade de as crianças não dormirem com os pais ou com as amas pelo perigo de estes as abafarem durante o sono.

Repare-se que esta era uma advertência constantemente repetida pelos directores espirituais e pelos moralistas — que os Folhetos divulgavam — e que se justificava pela multiplicidade de casos de morte de crianças nessas circunstâncias. Mello Franco, por exemplo, afirmava a esse respeito:

«as crianças correm muito risco em dormirem deitadas com as amas, porque facilmente podem ser esmagadas por elas pela acção do sono; e *quantos destes casos se tem visto ou occultado?* Também as podem suffocar pelo costume de lhes darem de mamar mesmo deitadas...»⁴⁹.

Em plena concordância com estas afirmações no «*Entretenimento...*», testemunha uma das vizinhas:

«Minha Mãe teve uma ama que tendo-lhe abafado hum menino de noite, na cama, apenas o achou morto, começou a gritar que lhe acodissem, que andavão as bruxas c'o seu rico filho (...) Matou-o ella. Tinha dous peitos como duas borrachas; e além disso muito máo dormir. Aquilo he que metteo o peito na boca do menino e adormeceo, e n'alguna volta que deo, suffucou-o...»⁵⁰.

Também na Casa da Roda do Porto várias amas foram despedidas por terem abafado crianças durante o sono⁵², o que vem comprovar a veracidade desses episódios dramáticos, que Rodrigues Maia não deixa de referir.

Ressalta, como se viu, em ambos os textos, para além das críticas às mães e às amas que colocavam os seus interesses

⁴⁸ *Conselhos sobre o Matrimonio, e advertências precisas para as pessoas casadas ou que pertendem ser. Modo de preparar para o Matrimonio, e passar o dia de núpcias*, Lisboa, na Officina de Francisco Sabino dos Santos, 1774, p. 9.

⁴⁹ FRANCO, Francisco de Mello, o.c., p. 81.

⁵⁰ *Entretenimento...*, p. 12-13.

⁵¹ SÁ, Isabel dos Guimarães e, o.c., p. 185.

peçoais acima dos cuidados a dispensar aos recém-nascidos, uma forte preocupação pela criança. Esta irá ocupar, aqui, um espaço privilegiado que habitualmente lhe foi recusado. Nas centenas de Folhetos de Cordel que conhecemos, de temáticas muito diversas, a criança é sem dúvida uma grande ausente. Apenas em contadas vezes ela surge e nunca como protagonista.

Ao concluir julgamos ter conseguido demonstrar que os dqs Folhetos analisados ultrapassam em muito, na perspectiva da história social e das mentalidades, as limitações do seu próprio valor literário. Projectando, por um lado, preciosos reflexos de uma realidade social em mutação, demonstrando, por outro, na crítica aos costumes e na intenção pedagógica decorrente, uma intervenção social que não podemos deixar de ter em conta.